

# Encontro de três versões

Denise Rothenburg, Olímpio Cruz Neto e Dante Acioly

Da equipe do **Correio**

**É** hoje. Às 14h30, na sala 7 da ala Alexandre Costa, onde a Comissão de Constituição e Justiça do Senado faz suas reuniões, três biografias distintas estarão frente a frente no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. Será a tão esperada acareação entre a ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Célia Peres Borges, e os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (Sem partido-DF).

Não se fala em outra coisa nas rodas de políticos, ávidos pelo encontro dos três personagens envolvidos no episódio de quebra de sigilo de uma votação secreta — a que cassou o mandato de Luiz Estevão, no dia 28 de junho de 2000. Caberá aos três responder às dúvidas dos senadores sobre onde está a verdade: ACM mandou ou não mandou Arruda procurar Regina para obter a lista com os votos dos senadores? O ex-líder do governo pediu ou não pediu a listagem? Foi só uma consulta sobre se era possível obter a lista e Regina entendeu que era uma ordem?

O veredicto dos inquisidores sairá da credibilidade das respostas de cada um dos acareados. Caberá ao senador Saturnino Braga (PSB-RJ) redigir o relatório final da Comissão de Ética que fundamentará todo o processo e selará os três destinos que se cruzaram. Na juventude, todos tinham um objetivo comum: vencer na vida.

Mineiros, Regina e Arruda chegaram a Brasília nos anos 70. Antonio Carlos já governava a Bahia. Ela estudou Informática no Ceub. Em 1976, aprovada num concurso, começou a trabalhar no Prodasen. Antonio Carlos e Arruda tocavam a vida sem dar sinais de que um dia usariam, na lapela do terno, o broche de identificação dos senadores. Enquanto eles ascendiam, Regina fazia carreira na

burocracia. Em 25 anos, conquistou a confiança e o respeito dos colegas de trabalho. Em 1991 foi indicada por eles para ocupar a direção do Prodasen.

O destino da técnica legislativa só triscou a Bahia de ACM no final da década de 70, quando ela se casou com o advogado Paulo Borges, irmão do atual governador baiano, César Borges. Depois separou-se dele e casou com o analista de sistemas Ivar Alves Ferreira, que a ajudou a cumprir a ordem de violar o painel. Antes do escândalo, Regina só pensava na aposentadoria e no hobby: jardinagem. “Cansei de ver dona Regina cuidando destas flores aí da frente”, conta o caseiro do vizinho.

Assim como Antonio Carlos e Arruda, Regina também gosta de política. Foi uma das coordenadoras de campanha da deputada Maria de Lourdes Abadia (PSDB-DF), em 1994, quando Arruda disputava o Senado. Do trio que estará hoje frente-a-frente, Regina é a que tem mais tempo de Congresso. O baiano Antonio Carlos Peixoto Magalhães cumpre seu primeiro mandato como senador, assim como Arruda.

Apesar de ser um noviço no Senado, a trajetória de Antonio Carlos se confunde com a história política brasileira nos últimos 40 anos. Ele só figurou entre os opositores nos governos João Goulart (1961-64) e Itamar Franco (1992-1994). Sempre esteve ao lado de todos os outros presidentes da República, de Juscelino Kubitschek a Fernando Henrique Cardoso, e foi um dos pilares de sustentação dos governos militares — de 1964 a 1985.

As iniciais de seu nome — ACM — saltaram para as páginas do noticiário nacional ainda na década de 60, como fruto da ironia dos adversários. ACM foi a forma que os rivais encontraram para dar o contraponto à personalidade do homem temido pelo que eles julgavam ser a prepotência e a arrogância e cujas letras lembravam a Associação Cristã de

José Varella 13.2.01



ARRUDA, ACM E REGINA, QUANDO TODOS SE DAVAM BEM: A ACAREÇÃO VAI TENTAR ACABAR COM AS DÚVIDAS SOBRE QUEM MANDOU VIOLAR O PAINEL DO SENADO

Moços. Mais tarde, ganhou outros dois apelidos que refletem suas facetas: Toninho Ternura e Toninho Malvadeza.

A carreira política de Antonio Carlos começou com a eleição para deputado estadual na Bahia, em 1953. Sua fama de valente começou ainda em Salvador, quando saiu no braço com um colega no plenário da Assembléia. Repetiu em outras oportunidades o mesmo comportamento. Na Câmara dos Deputados, onde chegou em 1958, enfrentou certa vez o então deputado Leonel Brizola (PTB), que discursava contra o presidente JK. ACM ainda não era ACM, mas já ensaiava os primeiros passos que o tornariam um mito na política nacional. Antonio Carlos partiu para cima de Brizola, que revidou.

Outro que o enfrentou também na Câmara foi o deputado Tenório Cavalcanti (PTB), famoso político da baixada fluminense, que entrou para a história por andar sempre acompanhado de uma metralhadora, a famosa *Lurdinha*. Num gesto teatral, ACM abriu a camisa e desafiou-o a atirar. A turma do deixa-disso entrou em campo, evitando um desfecho dramático.

Como prefeito de Salvador, em 1967, Antonio Carlos atraiu a simpatia do regime militar e sua carreira decolou. Em 1971, foi nomeado governador da Bahia. Em 1975, virou presidente da Eletro-

brás. De lá, voltou para o governo baiano em 1979 onde reinou até 1983. Com o advento da Nova República, tornou-se o poderoso ministro das Comunicações do governo José Sarney até 1990. Foi quando voltou ao Palácio de Ondina, pela terceira vez.

Ainda hoje, reina absoluto na Bahia. A última pesquisa eleitoral do Ibope apontou 74% da preferência do eleitorado baiano, o que o coloca com larga vantagem sobre os outros adversários — o petista Jacques Wagner (6%) e o peemedebista Geddel Vieira Lima (3%). Isso explica, talvez, o fato de atrair tantos apoios entre os baianos. De Dorival Caimy a Gal Costa, passando por atletas do futebol. Todos estarão rezando para que hoje ele se saia bem.

## CARREIRA METEÓRICA

**A**rruda não tem Gal ou Zélia Gattai na sua torcida. Mas tem uma personalidade ilustre de quem é amigo: Dona Lúcia, a mãe do cineasta baiano Glauber Rocha, de quem fez uma biografia. Dos três acareados, ele é quem teve a carreira mais meteórica. Mineiro de Itajubá, chegou a Brasília nos anos 70. Em 1979, dirigiu a Novacap, foi secretário de Informática do Ministério das Minas e Energia no primeiro ano do governo Sarney.

Sua carreira decolou no gover-

no do Distrito Federal, de diretor da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB), em 1985, a secretário de Obras no governo Joaquim Roriz, de 1991 a 1994. Sua ligação com Roriz lhe rendeu seu mandato de senador em 1994 e também o desconforto de ter seu nome citado num processo que apurava o superfaturamento do metrô, em 1993. Chorou ao ser interrogado, negando seu envolvimento no caso. A aliança com Roriz começou a se desfazer ali.

Arruda começou no Senado meio tímido, mas, em meio aos papas da política, fez bonito. Perspicaz e empreendedor, conquistou um espaço restrito a quem tem anos de janela no poder: a liderança do governo. Antes de seu nome aparecer no escândalo do painel, era apontado na cúpula do PSDB como o nome mais forte para disputar o governo do Distrito Federal. Hoje, tenta segurar seu mandato no Senado para, em 2002, concorrer à Câmara dos Deputados. E olhe lá.

Os três chegam hoje para a acareação depois de dias atribulados. Regina aboliu as costumeiras caminhadas pelas ruas do Lago Sul para esmiuçar os depoimentos de ACM e Arruda no Conselho de Ética, na semana passada. Seu auto-exílio começou na sexta-feira, quando pediu as notas taquigráficas dos depoimentos. Um amigo garante: “Ela está segura e sabe o

que está fazendo. Se alguém espera que dê vexame, pode esquecer”.

Antonio Carlos promete dosar a sua face Ternura e Malvadeza. O que prevalecerá depende do tratamento que receber dos senadores. Ontem, reuniu-se com seus advogados, que o prepararam para a sabatina em que será confrontado com as versões de Arruda e de Regina. Manterá tudo o que disse antes, mas nunca esteve tão longe do controle de uma situação política.

Arruda chegará cheio de vontade. Ao contrário do que foi divulgado nos últimos dias, não passou todo o feriado recolhido numa fazenda. Esteve fora de casa apenas na noite de domingo, quando foi para o sítio de um amigo em Alexânia (GO), a 80 km de Brasília. Uma boa noite de sono, intercalada com caminhadas e banho de rio foram suficientes para recompor suas energias e a esperança de que nem tudo está perdido.

Ao conversar ontem com o **Correio**, em nada lembrava aquele Arruda amuado e choroso que se fechara na casa de um amigo no Lago Sul: “O clima melhorou, graças a Deus!”, comentou. “Um senador que matou ou roubou dinheiro público não pode ter a mesma pena daquele que viu uma lista. Não posso admitir que minha vida pública seja julgada por um ato menor”, sustentou.

Todos venceram na vida. Hoje terão que vencer o Conselho.